

As Mulheres Africanas no âmago do seu Continente Para além da subjugação e da raiva

Introdução

Algumas décadas após a sua independência política muitos países Africanos lançam o olhar sobre a sua história e abrem caminho à re-significação das suas relações internas e de si mesmos com o resto do Mundo. Neste movimento complexo de reavaliação de identidades e de uma busca própria para determinar o seu lugar e as suas perspectivas em período pós-independência, as mulheres são uma força vital na e com a qual se inscrevem os maiores desafios que África enfrenta na contemporaneidade.

As mulheres Africanas sofreram o impacto do período colonial ora perdendo privilégios, estatuto social e os seus poderes materiais e simbólicos ora transformando e reinventando os papéis que lhe estavam atribuídos; transgrediram fronteiras e

linhas de diferenciação sexual; adquiriram novas e outras competências; enfim, reformularam as suas subjectividades individuais e colectivas. Para as mulheres dos novos países independentes, quer o Estado, quer a sociedade, têm fronteiras que se tornam visíveis nos processos de transformação ou de transgressão e sobre as quais as mulheres agem e são coagidas. As transgressões que as mulheres imaginam e praticam, aproveitando as possibilidades geradas pelas ambivalências das relações entre Estado e sociedade civil, são terrenos complexos e fracturantes, que tanto providenciam espaços de luta, negociação e emancipação, quanto podem ser opressivos e ameaçadores. As mulheres dos novos países Africanos independentes, ao mesmo tempo que desempenham uma feminilidade esperada e tradicional violam-na tanto através dos seus protestos, como da sua capacidade de se apropriarem de espaços a que elas nunca julgaram, nem com certeza muitos homens, poder ter acesso.

Neste período pós-independência importa pois considerar o pronunciamento do *Outro*, ou seja, destas mulheres que olham e têm *Outra* estória de África para contar e através dela uma outra maneira de pensar, outra maneira de produzir e comunicar o conhecimento no e com o Sul. Neste sentido, o conceito de pós-colonial que aqui utilizo não se refere apenas à dissolução das identidades e das suas relações de poder coloniais. O pós-colonialismo serve-me para iniciar uma reflexão que assume que a ciência moderna é produtora e portadora de ignorância acerca do *Outro*, isto é, acerca destas mulheres; o conceito de pós-colonial como sendo os novos procedimentos científicos que possibilitam o trânsito entre o que sabemos e o que ainda não sabemos, abrindo caminho a um novo conhecimento que possa conduzir a uma perspectiva descolonizada do mundo.

É através e neste contexto que me importa trazer ao debate, por um lado, as fracturas e as

continuidades entre o período colonial e a pós-independência nas quais muitas mulheres Africanas forjaram a determinação de significados e as realizações de uma *outra* cidadania; por outro lado, é meu objectivo enunciar alguns dos problemas que as mulheres Africanas identificam e enfrentam e que permanecem sendo obstáculos estruturais para o desenvolvimento Africano.

1- Terão as mulheres sido (são) uma colónia dos homens e do seu colonialismo?

A chegada dos poderes coloniais e imperiais teve como consequência, entre outras obviamente, a crise e/ou o colapso da maioria das instituições locais. Novas formas de associação apareceram e desenvolveram-se no seio desta reordenação, provocada pelos inevitáveis conflitos que o novo poder impôs às sociedades locais, que não se instalou sem violência e sem resistência. O colonialismo não foi meramente um acto político e administrativo, mas a violação da Terra, dos corpos e da cultura.

As relações de género em muitas sociedades pré-coloniais não podiam ser classificadas de paritárias, mas comportavam, com certeza, uma forte interdependência entre os sexos e entre as tarefas que socialmente e simbolicamente lhes eram atribuídas¹. É importante, contudo, sublinhar que muitas feministas do Sul referem com clareza que o mito da paridade entre mulheres e homens na África pré-colonial, além de não explicar grande coisa sobre essa realidade, esconde as enormes diferenças intra-sociedades e inter-sociedades no que diz respeito às relações de género. Apesar dessa cautela epistemológica, sabe-se que na maioria das sociedades rurais que constituíam a maioria das comunidades pré-coloniais as mulheres tinham um importante controlo sobre as suas vidas. Tinham a função e o poder de produzir, trocar, comerciar e distribuir produtos nos mercados locais. Por outro lado, apesar de não terem, em

¹ Os trabalhos de Ifi Amadiume são significativos a este respeito. Ver, em particular, *Male-Daughters, Female Husbands. Gender and Sex in an African Society*.

muitos casos, acesso à propriedade da terra, tinham direitos de uso e usufruto sobre os produtos retirados dela e bastante liberdade orçamental, que decorria das redes comerciais que implementavam e desenvolviam².

Apesar dessas sociedades serem, em geral, patrilineares, as mulheres controlavam estruturas com poderes políticos. O controlo efectivo que estas mulheres tinham sobre a produção e distribuição de bens essenciais para a sobrevivência da família e ou da comunidade funda o argumento da efectividade e legitimidade do seu poder político. Como diz Okome, algumas mulheres eram (e são) muito poderosas, apesar de muitas vezes este poder não se formalizar politicamente nas estruturas reconhecidas, enquanto tal, na comunidade. Tinham os seus conselhos e órgãos políticos de governação, nos quais podiam decidir acerca de punições, castigos e outros modos de

² Waylen, 1996: 50-51; Okome, 2001: 4; Oriji, 2000; Ufomata, 2000.

regulação de conflitos, bem como atender queixas individuais e colectivas³. Muitas vezes, organizavam protestos públicos e outras acções de pressão e denúncia pública contra as atitudes dos homens, consideradas menos próprias ou injustas⁴. Funcionavam como entidades de aconselhamento e de regulação da vida colectiva e todas estas acções eram consideradas legítimas e publicamente reconhecidas. Isto quer dizer que o poder colonial não existiu, nem foi imposto sobre uma tábua rasa, nem um espaço vazio mas, pelo contrário, afectou e foi afectado por aquilo que já estava lá, naqueles territórios de sentidos, conhecimentos e experiências.

2- As fracturas e as continuidades do período pós-independência

Ao chegarem à independência formal e política, na sua maioria na segunda metade do século XX, viram chegar uma nova fase da sua

³ Ibidem.

⁴ Biakolo, Bolaane, Commeyras, 2001: 52.

estória, enquanto comunidade política e social, com novos e complexos problemas.

As relações entre as mulheres e os novos Estados independentes (a partir da década de 60 e no caso português na segunda metade da década de 70) processam-se numa época de importantes reestruturações das relações internacionais⁵, que, pela primeira vez, funcionam sob os auspícios de uma instância supra-nacional de governação global. O surgimento de uma multitude de novos Estados e o predomínio da democracia representativa liberal como requisito de inclusão na nova ‘comunidade das nações’ marcam, sem dúvida, essas relações, nas quais, longe de estarem ausentes, as mulheres têm uma ampla e diversa actividade⁶.

Para as feministas do Sul, o Estado pós-independente é um espaço-tempo da maior importância pois foi a partir dele que as mulheres puderam subverter muitos dos *a priori* sobre a sua

⁵ Rai, 1996: 25; Cunha, 2005.

⁶ Jacobson, 1995; Shiva, 1995; Rai, 1996; Casimiro, 2004; Osório, 2002, 2005; Fleschenberg, 2003; Sow, [s.d.]; Lewis, [s.d.].

função social herdados do período colonial e alimentados pelas matrizes locais patriarcais. Garantidas algumas liberdades e a igualdade formal pelas Constituições e normativos internacionais, foi aberto um espaço de auto-determinação e isso não passou, nem passa, despercebido às mulheres como uma possibilidade de libertação e emancipação.

Simultânea e simetricamente a esta ampliação das actividades das mulheres com significado político nacional, e até internacional, a retórica nacionalista aceitando os novos direitos trazidos pelas independências políticas, sublinha fundamentalmente o papel especial e diferente das mulheres, como guardiãs espirituais do Estado e da família. Os trabalhos de Arnfred, McFadden, Mama, Leiw, Waylen, Hassim, Cunha, Osório, Casimiro, Sow, Leigh, mostram que a construção da nação independente não invisibiliza ou silencia totalmente as mulheres como pretendia fazer o sistema colonial mas mantém-nas reféns de uma

diferença identitária e social que as reenvia para a esfera do privado, cujo projecto de vida essencial é dar à Pátria cidadãos que cumpram o desígnio da independência nacional. Como dizem Paula Meneses e Amina Mama⁷, o colonialismo e as subjectividades que ele gera não terminam quando o poder político colonial cessa. O mesmo se pode dizer das relações sexistas-patriarcais e da colonialidade do seu poder.

Estamos assim perante duas realidades contraditórias. Por um lado, a percepção de que os Estados pós-independentes são palcos para novos espaços de participação e transgressão das mulheres. Por outro, a retórica e as práticas sexistas que herdamos do poder pré-colonial e colonial.

Do mesmo modo, as relações das mulheres destas sociedades com as suas sociedades civis não são uniformes e muito menos lineares. Sabe-se que tal como o Estado, a sociedade civil é

⁷ Mama, 1995: 160 e ss. ; Meneses, 2003: 686.

profundamente masculina e que as suas redes informais ou formais de poder estão imbuídas de discursos marcadamente paternalistas. Nenhum destes espaços está livre de mecanismos de dominação sobre as mulheres e possuem diferentes instrumentos de coerção⁸ que podem a qualquer momento ser usados contra elas. Como mostram os trabalhos desenvolvidos, entre outros, por Shireen Hassim, Isabel Casimiro, Teresa Cruz e Silva, Teresa Cunha, o relacionamento das mulheres com as sociedades civis é sempre problemático. Alguma falta de experiência política, o isolamento em que muitas vivem e os ambientes comumente hostis em que operam dificultam a sua participação de forma concertada na vida pública. No entanto, a par destas fragilidades, Osório refere que a sua *violenta entrada*⁹ no mercado tem contribuído para interromper hierarquias, atrair violência sobre as mulheres como tem ajudado a criar novos espaços

⁸ Rai, 1996; Butalia, 2001; Cordero, 1999.

⁹ Osório: 2002: 446.

de emancipação, pôr a nu as contradições existentes e promover uma democracia discursiva, como lhe chama Disney Leigh, sobre assuntos tão sensíveis como acesso aos recursos, redistribuição, reconhecimento, poder e autoridade, ou seja, uma indiscutida e forte participação na sociedade civil.

O meu argumento é que no conceito de emancipação desenvolvido pela crítica feminista pós-colonial, procurando e *escavando nos escombros* e nas margens do colonialismo, está já uma parte da narrativa que pode prefigurar a descolonização não-sexista do conhecimento e das relações sociais. É a partir dessa subalternidade construída e destruída sucessivamente que ocorre nas sociedades civis pós-independentes que se pode convocar uma nova justiça social, na qual e para a qual todas/os têm lugar.

3- Temas e problemas que as mulheres Africanas enfrentam e desafiam

Partindo de uma singular atenção para com as culturas populares e a estória social das mulheres a

partir dos seus contextos concretos e situados de vida, as vozes das mulheres têm sido trazidas para os debates científicos, assumidas como terrenos epistemológicos férteis de criatividade cultural e de rebelião política¹⁰. Desde as trajectórias etnográficas coloniais, passando pelas análises dos modos de resistência das mulheres à sua exotização e à inexistência, o enfoque sobre as potencialidades rebeldes da própria cultura e experiência subalterna das mulheres do e no Sul oferece-nos uma ideia quanto à forma e ao processo de construção da investigação e da interpretação que estas mulheres vão fazendo da sua experiência pós-independência.

É neste território dinâmico de ideias e perspectivas que Amina Mama esclarece que as principais aspirações das mulheres do Sul são idênticas às de quase todas as mulheres, ou seja, elas querem para si e para as suas filhas dignidade, igualdade na diferença e as suas vidas livres de

¹⁰ Leiwis, [s.d.]; Ver, a este propósito o trabalho pioneiro de Belinda Bozzoli, (1991), *Women of Phokeng. Consciousness, Life Strategy, and Migrancy in South Africa, 1900-1983*. London: James Currey.
IX Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais - Luanda de 28 a 30 de Novembro de 2006
Ciências Sociais e os Desafios das Sociedades em Desenvolvimento
Dinâmicas, Mudanças e Desenvolvimento no Século XXI
Painel: O Género e Desenvolvimento

qualquer tipo de violência. Contudo, não deixa de assinalar que o feminismo Africano não é um ‘feminismo de sobrevivência’, estereótipo a que este tem vindo a ser associado¹¹ mas que, ao contrário, se preocupa com mudanças substantivas tanto ao nível económico, político e social, tanto das subjectividades. Como em toda a parte, as feministas Africanas estão interessadas no mundo e são desafiadas por ele. Desde as mais elementares questões da sobrevivência até às mais complexas questões relacionadas com a auto-reflexividade, a inovação e o sofisticado cosmopolitismo contemporâneo, as feministas Africanas, como Okome afirma, não estão isoladas das mudanças que ocorrem, dos desafios da construção e da reconstrução permanentes e, portanto, não devem ser consideradas e estudadas como objectos estáticos¹² e presos a um mundo parado e incapaz de mudar.

¹¹ Mama, 2001.

¹² Okome, 2001: 6.

Como Maréma Touré diz, o seu mundo Africano está povoado de pobreza, de pandemias e de discriminação que atinge a maioria das mulheres mas também os homens. Os problemas e as opressões não decorrem apenas de modos patriarcais de organização social, mas também dos efeitos que o colonialismo teve e ainda tem em toda a malha societal deste mundo vulnerabilizado¹³. Neste sentido, os estudos feministas Africanos preocupam-se, ancoram-se e alimentam o conhecimento necessário a uma luta mais global e mais ambiciosa, que procura colocar em causa a própria organização político-social da nossa contemporaneidade e contribuir para a imaginação de um outro paradigma de conhecimento.

O debate sobre os impactos do colonialismo na vida, cosmogonias, sociabilidades e epistemologias do Sul ex-colonizado é um dos temas mais fortes de toda a literatura feminista e uma das

¹³ Touré, [s.d.]:8.

preocupações mais ou menos explícitas quando se pensam as *dinâmicas, mudanças e desenvolvimento no século XXI*.

O interesse sobre a racialização das sociedades do Sul, o uso da religião como instrumento de dominação colonial e neo-colonial, a construção colonial e neo-colonial de subjectividades deficitárias – pobres, ignorantes, selvagens, promíscuas, apáticas - a intersecção entre colonialismo, raça, género e classe social, são hoje um vasto campo de reflexão, literatura e de análise que procura mapear os novos construtos das e acerca das mulheres do e em África. Existindo profundas diferenciações de abordagem e apreciação destas problemáticas, elas permeiam, contudo, as análises procurando resgatar aquilo que permanece e enviesa como aquilo que já foi transformado e transfigurado, ou ainda os elementos que passaram a ser indistinguíveis e que

têm que ser assumidos como potencialmente constitutivos da realidade contemporânea.

É nesta linha que se pode detectar um interesse crescente por perspectivas pós-coloniais, no sentido de serem construídas análises a partir de lugares de enunciação até há pouco tempo considerados insolventes, por ausência, por insuficiência ou mesmo inexistência de racionalidade. As análises de contornos pós-coloniais não procuram a simples inversão da imagem histórica, procuram narrativas e racionalidades discursivas até hoje consideradas como conhecimentos improváveis, i. é, entendidos como meros recursos ou matéria-prima informe, aos quais a tecnologia científica moderna dava sentido e ordenava. A valorização do que é híbrido, marginal, periférico, mestiço, porque aí se distinguem melhor as relações desiguais do poder e porque nelas se encontram as ruínas do colonialismo, tem vindo a tornar-se uma procura epistemológica cada vez mais consolidada. Signe

Anfred argumenta que as perspectivas pós-coloniais dos feminismos podem oferecer um pensamento subversivo, que tanto põe em causa os restos do império colonial ainda presentes no Sul, como os interesses dominantes e que, em boa medida, são os interesses dos homens do Sul¹⁴.

Conclusão

Como reconhecem as feministas, em particular as feministas pós-coloniais e os debates críticos sobre as ciências, um certo modo de fazer ciência tem procedido à desqualificação, exclusão, ao ocultamento e ao silenciamento de muitas experiências e conhecimentos. Entre estes estão muitos dos conhecimentos e tecnologias que as mulheres desenvolveram. Muitas outras coisas, incluindo as narrativas de e sobre elas, foram sendo, sistemática e activamente remetidas não só para o estatuto de conhecimentos irrelevantes, mas também, não-existentes à luz do paradigma

¹⁴ Arnfred, 2003: 1.

científico dominante e hegemónico, ao longo dos últimos séculos. Muitas mulheres foram desarmadas da sua palavra, mandadas calar através do esquecimento forçado das línguas maternas e da imposição de línguas estrangeiras, assim como foram desarmadas das suas gramáticas estéticas com que narravam e narram as suas vidas, conhecimentos e estórias.

Ao abordar, por um lado, o que as mulheres detectam e experienciam entre o colonial e pós-independência e, por outro, explicitar algumas das suas preocupações e análises, abro espaço às perguntas silenciosas, como nos sugere Khatibi¹⁵, e a subjectividades transgressivas¹⁶, que desocultam uma visão de feminilidade que não se esgota nas visões feministas dominantes no mundo contemporâneo. Os alertas que nos chegam vigorosamente de muitas feministas de África¹⁷

¹⁵ Khatibi, 2001: 36.

¹⁶ Santos, 2004b: 44.

¹⁷ Entre outras/os autoras/es ver, Mama, 1995, 2001; McFadden, 2000a, 2000b; Oriji, 2000; Ufomata, 2000; Okome, 2001; Githaiga, Wandia, Patel, 2003; Hassim, 2004; Casimiro, 2004; Pereira, 2005; Lewis, [s.d.]; Sow, [s.d.]; Touré, [s.d.]; Mohanty, 1991.

fazem compreender melhor a necessidade de refazer continuamente o mapa cognitivo dos feminismos e valorizar a existência de múltiplas agendas e prioridades das mulheres.

Teresa Cunha
Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra, Portugal
Novembro de 2006

REFERÊNCIAS

LIVROS:

- AMADIUME, Ifi (1998), *Male Daughters, Female Husbands. Gender and Sex in an African Society*. London: Zed Books.
- BOZZOLI, Belinda, (1991), *Women of Phokeng. Consciousness, Life Strategy, and Migrancy in South Africa, 1900-1983*. London: James Currey.
- CASIMIRO, Isabel (2004), *Paz na Terra, Guerra em Casa. Feminismo e Organizações de Mulheres em Moçambique*. Maputo: PROMÉDIA.
- MAMA, Amina (1995), *Beyond the Masks. Race, Gender and Subjectivity*. London: Routledge.
- OSÓRIO, Conceição (2005), *Subvertendo o Poder Político? Análise de género das eleições legislativas em Moçambique*. 2004. Maputo: WLSA Moçambique.
- REARDON, Betty A. (1985), *Sexism and the War System*. New York: Teachers College Press.
- SHIVA, Vandana; MIES, Maria ; (1993), *Ecofeminismo*. Lisboa: Instituto Piaget.
- WAYLEN, Georgina (1996), *Gender in Third World Politics*. Colorado: Lynne Rienner Publishers, Inc.

ARTIGOS:

- BUTALIA, U. (2001), "Women and Communal Conflict. New challenges for the Women's Movement in India", Moser; Clark (orgs.), *Victims, Perpetrators or Actor? - Gender, Armed Conflict and Political Violence*, London: Zed Books Ltd, pp. 99-113.
- CORDERO, I. C. (2001), "Social Organizations: From victims to Actors in Peace Building", Moser; Clark (orgs.), *Victims, Perpetrators or Actor? - Gender, Armed Conflict and Political Violence*, London: Zed Books Ltd, pp. 151-163.
- DISNEY LEIGH, Jennifer (2003), "Democratization, Civil Society, and Women's Organizing in Post-Revolutionary Mozambique and Nicaragua", *New Political Science*, Volume 25, Number 4, December, pp. 533-560.
- HASSIM, Shireen (2003), "Representation, participation and democratic effectiveness: feminist challenges to representative democracy in South Africa". Goetz, Anne Marie; Hassim, Shireen (orgs.), *No Shortcuts to Power: African Women in Politics and Policymaking*, London: Zed Books.
- HASSIM, Shireen (2004), "Voices, Hierarchies and Spaces: Reconfiguring the Women's Movement in Democratic South Africa", Natal: SDS - University of Kwazulu.
- JACOBSON, Ruth (1995), "Women's political participation. Mozambique's democratic transition", *Gender and Development*, Vol 3, Nº 3, October, pp. 29-35.
- KHATIBI, Abdelkibir (2001), "Maghreb plural". Mignolo, W. (orgs), *Capitalismo y geopolítica del conocimiento: el eurocentrismo y la filosofía de la liberación en el debate intelectual contemporáneo*, Buenos Aires: Ediciones del Signo.
- MAMA, Amina (2001), "Challenging Subjects: Gender and Power in African Contexts", *African Sociological Review*, 5, (2).
- MENESES, Paula (2003), "Agentes do Conhecimento? A Consultadoria e a Produção do Conhecimento em Moçambique", Boaventura de Sousa Santos (org.), *Conhecimento Prudente para uma Vida Decente*, Porto: Edições Afrontamento, pp. 683-715.
- OGDEN, Jessica A. (1996). "Producing respect: the 'proper woman' in postcolonial Kampala". Werbner, Richard; Ranger, Terence (org.), *Postcolonial Identities in Africa*, London: Zed Books, pp. 165-192.
- OKOME, Mojúbàolú Olúfúnké (2001), "African Women and power: Reflections on the perils of unwarranted Cosmopolitanism", *Jenda: A Journal of Culture and African Women Studies*, 1. 1.
- OSÓRIO, Conceição (2002), "Poder político e protagonismo feminino em Moçambique". Santos, B. S. (org.), *Democratizar a Democracia. Os caminhos da democracia participativa*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. pp. 419-452.
- RAI, Shirin (1996), "Women and the State in the Third World", Kaleh, A. (org.), *Women and Politics in the Third World*, London/New York: Routledge, pp. 25-39.

TEXTOS DE COMUNICAÇÕES:

- FLESCHENBERG, Andrea (2003), "Revisiting the Glass Ceiling in Ásia - Comments on feminist leadership models". *Dynasties and Female Political Leaders in Asia*, Project Discussion Paper nº 3/2004, Duisburg University.
- IX Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais - Luanda de 28 a 30 de Novembro de 2006 20
- Ciências Sociais e os Desafios das Sociedades em Desenvolvimento
- Dinâmicas, Mudanças e Desenvolvimento no Século XXI
- Painel: O Género e Desenvolvimento

SANTOS, Boaventura de Sousa (2004b), "Do Pós-Moderno ao Pós-colonial. E para além de Um e Outro", Conferência de Abertura do VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, realizado em Coimbra, de 16 a 18 de Setembro.

ARTIGOS E DOCUMENTOS ELECTRÓNICOS:

- ARNFRED, Signe (2002), "Conceptions of gender in colonial and post-colonial discourses: the case of Mozambique", Paper for CODESRIA's 10th General Assembly on 'Africa in the Millennium', Kampala, Uganda, 8-12 December.
http://www.codesria.org/Archives/ga10/Plenary/gender_arnfred.htm, consultado em 28/12/2005.
- ARNFRED, Signe (2003), "Images of 'Motherhood' - African and Nordic Perspectives". Jenda: Journal of Culture and Women Studies. ISSN: 1530-5686.
<http://www.jendajournal.com/issue4/arnfred.html>, consultado a 18/08/06
- Biakolo, Emevwo; Bolaane, Maitseo; Commeyras, Michelle (2001), "Women in Conversation with an African Man on Gender Issues". University of Botswana, University of Georgia
<http://social.chass.ncsu.edu/Jouvert/v5i2/comey.htm>, consultado em 24/04/06.
- LEWIS, Desiree [s.d.] "African Gender Research and postcoloniality: legacies and challenges"
<http://64.233.183.104/search?q=cache:-GIWK6G9D1AJ:www.codesria.org/Links/conferences/gender/LEWIS.pdf>, consultado em 28/12/2005
- LEWIS, Desirée (2002), "Founding Trajectories and Publications in South african Women's and gender Studies", *Gender and Women's Studies for Africa's Transformation: GWS AFRICA*
www.gwsafrica.org/search/index.html, consultado em 25/04/06
- MACFADDEN, Patricia (2000a), "Radically Speaking: The Significance of the Women's Movement for Southern Africa", *Women's World - Women's African Voices*, Paper presented in Vienna, Áustria, October.
http://www.wworld.org/programs/regions/africa/patricia_mcfadden3.htm, consultado em 02/1/2006
- MACFADDEN, Patricia (2000b), "Issues of Gender and Development from an African Perspective", *Women's World - Women's African Voices*, Lecture presented in honor of Dame Nita Barrow at the Centre for Gender and Development Studies, University of the West Indies, Bridgetown, Barbados, November
http://www.wworld.org/programs/regions/africa/patricia_mcfadden4.htm, consultado em 02/01/2006.
- MAMA, Amina [s.d.], "Taking about feminism in Africa", *African Women's Voices*,
<http://www.wworld.org/programs/regions/africa.pdf>, consultado em 12/04/06
- ORIJ, John N. (2000), "Igbo Women from 1929-1960", *West Africa Review*
<http://westafricareview.com/vol2.1/oriji.html>, consultado em 16/2/2006
- PEREIRA, Charmaine (2005), "Domesticating women? Gender, religion and the state in Nigeria under colonial and military rule", *African Identities*, 3, nº 1, pp. 69-94.
<http://www.jendajournal.com/vol1.1/okome.html>, consultado em 28/12/2005.
- SOW, Fatou [s.d.], "Femmes, Etat et Mondialisation en Afrique".
<http://www.codesria.org/Links/conferences/gender/SOW.pdf>, consultado em 18/8/06.
- TOURE, Maréma, [s.d.], "la recherche sur le genre en Afrique: Quelques aspects épistemologiques, théoriques et culturels"
<http://www.codesria.org/Links/conferences/gender/TOURE.pdf>, consultado em 16/2/2006.
- UFOMATA, Titi (2000), "Women in Africa: their socio-political and economic roles", *West Africa Review*, 2, 1.
<http://www.westafricareview.com/vol2.1/ufomata.html>, consultado em 28/12/2005

DISSERTAÇÕES E TESES:

CUNHA, Teresa (2005), *Depois da Guerra e Antes da Paz. As Vozes das Mulheres de Timor-Leste*. Dissertação de Mestrado, Coimbra: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

RELATÓRIOS E DOCUMENTOS DAS NAÇÕES UNIDAS:

GITHAIGA, Grace; WANDIA, Mary; PATEL, Alpana (2003), "Report: From OUA to AU and NEPAD: Strategies for African Women Report: Regional Strategy Meeting on Women's participation and gender mainstreaming in the African Union and its specialized mechanisms", Nairobi: FEMNET (African Women's Development and Communication Network).